

ESPAÇO BIOGRÁFICO NA BIOBIBLIOGRAFIA DE BAKHTIN: QUATRO
ESPIRAIS DE UM PENSAMENTO SINUOSO

ANDRÉ LUIS MITIDIERI*

Vidas não são obras de ficção. Encontros promissores nem sempre se transformam em amizade e ideias potencialmente ricas às vezes não levam a parte alguma. Pessoas e preocupações importantes entram em nossas vidas e em nosso pensamento cedo e tarde, durante períodos de tempo diversos, e depois desaparecem para nunca mais voltar. Embora retrospectivamente possamos rastrear nossas linhas causais entre os eventos e enxergar vínculos diretos entre pensamentos, ao fazê-lo podemos interpretar mal as conexões existentes entre eles.

MORSON & EMERSON (2008, p. 21)

RESUMO

Neste trabalho, apresentamos uma espécie de biobibliografia do pensador russo Mikhail Bakhtin, sublinhando os pontos fundamentais de sua reflexão, no que respeitam ao lugar e às articulações das “territorialidades (auto)biográficas”, e mostrando que tais preocupações se fazem presentes desde seu pensamento inicial. Isso posto, situamos textos nos quais podem ser encontradas formulações sobre o “espaço biográfico”, ou seja, acerca das formas e dos gêneros (auto)biográficos, assim como dos diálogos que essas modalidades discursivas firmam com o gênero romanesco, a fim de orientar estudos contemporâneos de literatura e linguística dedicados às mencionadas interrelações.

PALAVRAS-CHAVE: biobibliografia, discurso e representação, espaço biográfico, Mikhail Bakhtin.

No presente trabalho, contextualizamos primeiramente o quadro reflexivo do estudioso russo Mikhail Bakhtin (1895-1975) a fim de lo-

* Professor da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS.
Email: mitidierister@gmail.com

calizarmos, em seu interior e em um segundo momento, o conjunto de textos de sua autoria nos quais podemos encontrar formulações acerca das formas e gêneros (auto)biográficos, assim como dos diálogos por esses realizados com o gênero romanesco. Apresentamos uma espécie de biobibliografia, antes de prosseguirmos com a identificação das articulações que julgamos fundamentais para se compreender o lugar ocupado pelo “espaço biográfico”¹ no pensamento bakhtiniano, assinalado pela notória incompletude, por constantes retornos e restaurações, em meio aos quais,

o discurso e seu concerto incessante de produção de efeitos de sentido não é jamais um objeto pacífico e passível de submissão ao monologismo de uma teoria acabada. Talvez seja esse o ponto que faz os pesquisadores atuais se dividirem entre a admiração incondicional pelas descobertas pioneiras de Bakhtin, e aí ele aparece como o guru do humanismo, e a recorrência constante a conceitos redutores de sua investigação e de seu pensamento. Tanto num como noutro caso, a banalização de conceitos e a complacência perversa impedem uma leitura mais crítica, proveitosa e abrangente do alcance da produção desse autor. Esses diferentes graus de miopia, ou mais especialmente de deficiência auditiva simulada ou real, começam a ser corrigidos com a leitura mais atenta e menos etiquetada de um conjunto teórico que, ao se tornar mais divulgado, sujeita-se a avaliações diferenciadas e a um campo menos marcado de leituras. (BRAIT, 2003, p. 16)

Por longo tempo, a obra bakhtiniana esteve dispersa; grande parte dela resulta de apontamentos, artigos já editados em periódicos, esboços, manuscritos inconclusos, planos a trabalhos futuros, rascunhos, material de arquivo em precárias condições. Nas comunidades que então deveriam se imaginar como União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, o autor não aparecia nos dicionários ou enciclopédias. A tarefa de lê-lo e compreendê-lo se vê obstaculizada, entre outros fatores, pela desordem cronológica das publicações, o que se verifica até o lançamento de *Para uma filosofia do ato* (1986). “Ironicamente, o primeiro dos textos mais longos escritos por Bakhtin foi o último a ser publicado” (FARACO, 2009, p. 15). O desconcerto editorial persiste quando seus trabalhos se difundem no Ocidente em traduções, muitas vezes, faltosas. Antes, no entanto,

os especialistas referiam-se às vezes ao seu nome, ligando-o sempre aos estudos dostoiévskianos, porém o acesso a seus textos era muito difícil. Já a sua grande voga nos países ocidentais, a partir de meados dos anos 1960, repercutiu praticamente em todo o mundo da cultura. Em nosso meio, porém, era quase impossível conseguir seus textos no original. Em 1964, as livrarias russas em nosso país tiveram todos os seus livros retirados para “exame” numa verdadeira operação militar que acabaria em incineração pura e simples. Os que assistiram a isso lembram-se de volumes aos milhares espalhados pelo chão, na Rua Direita e na 24 de Maio, e pisados pelas botas dos militares encarregados de recolhê-los. (SCHNAIDERMAN, 2005, p. 14)

No Brasil, a recepção de Bakhtin ainda se defronta com livros de autoria controversa, a ele atribuída, notadamente, junto a Pavel Nikolaevich Medvedev e Valentin Voloshinov.² Ocorre que o pensamento dos estudiosos russos, além de enfrentar graves problemas em traduções ao português,

com bastante frequência e durante muitos anos, foi identificado quase exclusivamente ao livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, o primeiro a ser publicado em português (em 1979). Por outro lado, em especial pelo viés do discurso pedagógico (mas não apenas), houve uma banalização de termos como diálogo, interação e gêneros do discurso, retirados do vocabulário do Círculo, mas claramente despojados de sua complexidade conceitual. (FARACO, 2009, p. 15)

Monografias, comunicações, dissertações, palestras, teses, conferências acercam-se às produções de Bakhtin e seus interlocutores com objetivos, gerais ou específicos, de encontrar nelas um “conjunto de procedimentos para a análise literária e para a análise linguística. O resultado mais visível desse equívoco [...] é transformar categorias filosóficas em categorias científicas, em categorias de método” (FARACO, 2009, p. 39) não digeridas, a exemplo das que já se tornaram clichê: *carnavalização*; *cronótopo*; *palavra bivocalizada*; *polifonia* (confundida com *heteroglossia* ou *plurilinguismo*). Além dessas, “metalinguística, excedente, evasão e muitos outros termos circulam agora em paráfrases e aplicações ora criativas, ora insossamente mecânicas” (MORSON & EMERSON, 2008, p. 28).

Por tais razões, oferecemos um panorama biobibliográfico de Mikhail Mikhálovich Bakhtin,³ nascido em Orel, cidade localizada ao sul de Moscou, a 16 de novembro de 1895. Após viver a infância e a adolescência entre Vínius e Odessa, frequentou a Universidade de Petrogrado, entre os anos de 1914 a 1918, onde encontraria um precursor: Fadei F. Zielinski. A ideia desse catedrático de Filologia Clássica, “segundo a qual as formas básicas de todos os tipos de literatura já se achavam presentes na Antiguidade, refletiu-se no modo de Bakhtin encarar subsequentemente a evolução literária” (CLARK & HOLQUIST, 2008, p. 57).

É a partir daí que, contemporizando pesquisas⁴ de fundamental suporte ao nosso trabalho, situamos quatro pontos moventes pelos quais circula, em espiral, o pensamento bakhtiniano:

1. Dos *atos* epistemológicos, éticos e estéticos (1918-1924)
Conceitos Novos: *Exotopia; Excedente; Teorismo*. Conceitos Globais: *Finalização sobre inconclusibilidade; Prosaica*.⁵ Essas noções estão manifestas nos textos logo relacionados:
1. a) “Arte e responsabilidade” [1919]. Artigo publicado no diário *O Dia da Arte*, de Nevel. Consta nas edições sucessivas à segunda edição brasileira da coletânea *Estética da criação verbal*⁶ (BAKHTIN, 2010, p. XXXIII-XXXIV).⁷
1. b) *Para uma filosofia do ato* [c. 1919-1924]. Livro sem tradução formal ao português. Utilizamos *Toward a Philosophy of the Act* (BAKHTIN, 1993).
1. c) “O autor e a personagem na atividade estética” [1924-1927]. Longo ensaio de teor fenomenológico, primeiro capítulo de *Estética da criação verbal* (BAKHTIN, 2010, p. 3-192).
1. d) “O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária” [1923-1924]. Ainda que encaminhado à publicação no ano de 1924, ficaria inédito até a primeira edição russa de *Problemas de literatura e de estética: estudos de vários anos*, livro traduzido e publicado no Brasil com o título *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance* (BAKHTIN, 2002b, p. 13-70).

Mais tarde, Mikhail Bakhtin se deslocou para Nevel, povoado da Rússia Ocidental em que lecionou e participou de um grupo de estudos formado por Voloshinov, dentre outros intelectuais. Depois de

passar algum tempo em Pumiânski, no ano de 1920, o jovem docente transferiu-se a Vitebsk, berço de Marc Chagall, onde continuou a exercer o magistério e se casou com Elena Aleksandrovna Okolovi. Para a mesma cidade, então centro da arte vanguardista, também migrava seu círculo de estudos, o qual passaria a contar com a presença de Medvedv.

Inspirado pela fenomenologia e pela tradição kantiana, Bakhtin punha-se à busca de uma filosofia original. Relacionando os campos do ético e do cognitivo, tentou encontrar esses vínculos no estético. Pesava-lhe a concepção de Zielínski segundo a qual arte e saber “– o pensamento sobre arte – nunca devem distanciar-se das necessidades da vida cotidiana. Ainda assim, o rumo específico dos escritos de Bakhtin nesta fase não lhe foi impresso por nenhuma dessas influências nativas, porém por sua imersão no neokantismo de Marburgo” (CLARK & HOLQUIST, 2008, p. 83).

Ao tratar do estético, analisando textos da poética russa, “o problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária” (BAKHTIN, 2002b, p. 13-70) atingia o formalismo que, como expressão da “mitologia cientificista” de princípios do século XX, separava o universo cultural dos domínios da existência. “Na verdade, a *funcionalidade* da nascente ciência da literatura, com as raízes e ramificações futuristas, era também uma expressão do irracionalismo técnico, cujo pressuposto está exatamente na separação entre a cultura e a vida” (TEZZA, 2003, p. 204). Desvelando a “recusa polêmica” de Bakhtin ao formalismo, esse texto realiza um trânsito do então atual ponto de suas concepções ao seguinte:

2. Da poética de Dostoiévski (1920-1929)

Descoberta da linguagem como tópico principal. Conceitos Novos: *Diálogos* (*de primeiro tipo*: todo enunciado seria, por definição, dialógico) e *segundo tipo* (alguns enunciados seriam dialógicos e outros, não dialógicos, isto é, monológicos); *Discurso de dupla voz*; *Polifonia*. Conceitos Globais: *Diálogo de terceiro tipo* (Modo especial de interação, sempre em processo, inconcluso, tão ilimitado quanto os potenciais para sua concretização); *Prosaica*; *Transição para a inconclusibilidade*. Desenvolvimento em:

2. a) *Problemas da obra de Dostoiévski* [1929]. Livro publicado em Moscou, pela Editora Pribói.

2. b) “A respeito de *Problemas da obra de Dostoiévski*” [1929]. Fragmentos do livro anteriormente citado. Constam nas edições posteriores à segunda edição brasileira de *Estética da criação verbal* (BAKHTIN, 2010, p. 195-201). Em seis páginas, o autor procede a “uma afirmação que constitui uma espécie de feliz síntese de seu produtivo arcabouço teórico e de seu *modus operandi*: ‘toda obra literária é interna, imanentemente sociológica. Nela se cruzam forças sociais vivas, avaliações sociais vivas penetram cada elemento de sua forma’, o que se aproxima sobremaneira das formulações de [Medvedev] em *O método formal nos estudos literários*” (SOBRAL, 2009b, p. 170).

O período em tela inicia-se com a preparação do estudo sobre Dostoiévski, embora assente seu marco no ano de 1924 quando, a sofrer de osteomielite, Bakhtin e a “esposa – que logo se tornou indispensável para o marido pouco prático, enfermiço e, não obstante, notavelmente produtivo – voltaram para Leningrado” (MORSON & EMERSON, 2008, p. 13). O Círculo que, mais tarde, se fará conhecer ou por esse renomeado topônimo ou pelo nome de seu mais proeminente membro, empreendia discussões aferradas em busca “de uma filosofia de linguagem capaz de transcender os limites que se encerravam afinal no *objetivismo abstrato* de Saussure. Em outra direção, o Círculo buscou também uma filosofia que ultrapassasse o mecanicismo de um marxismo oficial que cresceu voraz no panorama cultural dos anos 1920 até inviabilizar qualquer dissidência (TEZZA, 2003, p. 38).

O debate se revelou fecundo, pois um realce ao viés sociológico haveria de manifestar-se na concretização do plano que talvez atraísse o investigador

já em 1919, mas ele começou a trabalhá-lo antes de mudar-se de Nevel para Vitebsk, em 1920. Numa carta de 18 de janeiro de 1922, endereçada a Kagan, Bakhtin relata: “Estou agora escrevendo uma obra sobre Dostoiévski, que espero completar em pouco tempo”. Por volta do mês de novembro do mesmo ano, o trabalho estava tão adiantado a ponto de ser anunciado para breve na revista de Petrogrado *A vida da arte*, mas por razões desconhecidas o livro não apareceu. (CLARK & HOLQUIST, 2008, p. 258)

Publicado depois de sete anos, o texto indica que o formalismo a reprimir voltava por meio da análise imanente das ficções do romancista e de sua inclusão na série histórico-social. A partir do destaque à polifonia, Bakhtin “vai anotando que a consciência do outro não se insere na moldura da consciência do autor, mas que permite a ele entrar em *relações dialógicas*” (BRAIT, 2009c, p. 51). Outros temas revelados pela ficção de Dostoiévski passariam a ser observados “para futuro desenvolvimento: a ideia de fronteira, de limiar de consciências, do papel do capitalismo na criação da consciência solitária, da ampliação do conceito de consciência e sua natureza dialógica, a questão da voz, da ideologia e do homem” (BRAIT, 2009c, p. 51).

Nesse momento, em que descobria o discurso e ia encontrando voz própria, o estudioso começou a ser perseguido por anticomunismo, corrupção de jovens e supostas atividades em grupo secreto de estudos cristãos. Acabou no cárcere, mas devido ao agravamento da enfermidade e a uma campanha por sua libertação, a qual contaria com intervenções de Górkki, pôde restabelecer-se em casa até ter condições de viajar para cumprir pena de seis anos em Kustanai, no Cazaquistão. Durante o exílio, certa ampliação do foco privilegiado em Dostoiévski levaria a reflexão bakhtiniana à próxima etapa:

3. Da história e teoria do romance (1930-1945)

Aportes teóricos que transitam da *romancidade* (buscada em estudos acerca dos gêneros literários, da poética histórica e do gênero romanesco, incluindo sua distinção de outros gêneros) – à *romancização* (verificada no tratamento de antigêneros e rituais folclóricos; exagero e transgressão idealizada da *romancidade*, exemplificados pela *carnevalização* – mais frágil dentre as noções bakhtinianas).

Conceitos Novos: *Cronótopo*; *Heteroglossia*; *Romancidade*; *Alegre relatividade*; *Carnaval*; *Romancização* (império do romance).
Conceitos Globais: *Mistura harmoniosa dos três conceitos globais antes destacados*, expressa até o trabalho sobre Rabelais; *Inconclusibilidade ao extremo* que, verificada após tal estudo, virtualmente oferece lugar ao *diálogo* e à *prosaica*. Neste ponto, foram produzidos os textos:

3. a) “O discurso no romance” [1934-1935]. Ensaio apresentado como conferência no Instituto de Literatura Universal da Academia de

Ciências da URSS em 1940, teria dois de seus capítulos editados em 1965 na revista *Voprosy Literaturny*, n. 8. Publicado integralmente em *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance* (BAKHTIN, 2002b, p. 71-163).

3. b) “O romance de educação e sua importância na história do realismo” [1936-1938]. Reconstrução de manuscrito extraviado, publicada em *Estética da criação verbal* (BAKHTIN, 2010, p. 205-258).
3. c) “Formas de tempo e de cronotopo no romance: ensaios de poética histórica” [1937-1938]. Retomada do estudo sobre enredos tipo aventura em Dostoiévski, eliminado da edição de 1963. Ensaio acrescido do capítulo “Observações finais” [1973] (BAKHTIN, 2002b, p. 211-362).
3. d) “Da pré-história do discurso romanesco” [1940]. Também retoma o trabalho sobre enredos de aventura na obra dostoiévskiana. Parte da conferência “Discurso no romance”, proferida no Instituto Pedagógico de Saransk, editada em dois artigos: n. 8 de 1965 da revista *Questões de Literatura*; coletânea *Literatura russa e literatura estrangeira* (1967). Consta em *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance* (BAKHTIN, 2002b, p. 363-396).
3. e) *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* [1940, 1965]. Livro no qual Bakhtin reformula sua dissertação *François Rabelais na história do realismo*, apresentada ao Instituto Górkii de Literatura Mundial (BAKHTIN, 1993).
3. f) “Rabelais e Gólgol: arte do discurso e cultura cômica popular” [1940]. Ampliação de excerto não publicado em *François Rabelais e a história do realismo* (BAKHTIN, 2002b, p. 429-439).
3. g) “Epos e romance: sobre a metodologia do estudo do romance” [1941]. Conferência proferida em Moscou, editada no mesmo ano na revista *Voprosy Literaturny e Estetiki* e em *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance* (BAKHTIN, 2002b, p. 397-428).

Em seu desterro siberiano, Bakhtin exerceu-se como prático contábil numa fazenda coletiva e em outros esparsos ofícios até que passou a lecionar no Instituto Pedagógico da Mordóvia, em Saransk (1936), onde ministrou aulas de folclore, literatura clássica, literatura medieval, literatura ocidental contemporânea, literatura moderna, literatura russa e metodologia da literatura. Em razão do assim chamado Grande

Expurgo, pediu demissão da escola; deslocou-se do verão ao inverno, desde Moscou a Leningrado, Kustanai, Kaliázin e Savelovo, em busca de melhores condições de vida e saúde.

Nesse pequeno centro ferroviário banhado pelo rio Volga, que o limita pela outra margem com a cidade manufatureira de Kimri, o intelectual teve a perna amputada em fevereiro de 1938. Nos anos 1930, viveu em plena obscuridade a fim de escapar à repressão; a biografia do homem praticamente apagou-se. Aproximadamente em 1940, começou a escrever resenhas críticas para editoras, era convidado a eventos acadêmicos, entre eles, algumas preleções no Instituto Górkí de Literatura Mundial, em Moscou. Para além dos estudos dostoeivskianos, aparecia uma obra que, plena em reticências e linhas pontilhadas, ia chegando a sua última etapa:

4. Das retomadas e rasuras (1940-1975)

Recapitulação dos temas éticos da década de 1920 e das questões desenvolvidas nos ensaios sobre o romance. Conceitos Novos: *Compreensão criadora; Memória do gênero; Tempo longo*. Conceitos Globais: novamente mesclados em textos inéditos, rasurados ou reescritos, que formam este conjunto:

4. a) “Metodologia das ciências humanas” [Final dos anos 1930; início de 1940]. Texto publicado como “Os fundamentos filosóficos das ciências humanas” em 1974 na revista *Kontekst*. Republicado (com cortes na primeira edição russa) em *Estética da criação verbal* (BAKHTIN, 2010, p. 393-410).
4. b) “Os gêneros do discurso” [1951-1953]. Esboço prévio de livro sobre tal assunto (BAKHTIN, 2010, p. 261-306).
4. c) “O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas: uma experiência de análise filosófica” [1959-1961]. Notas anteriormente publicadas em 1976 no n. 10 da revista russa *Questões de Literatura* (BAKHTIN, 2010, p. 307-335).
4. d) “Reformulação do livro sobre Dostoiévski” [1961-1962]. Notas de trabalho para reelaboração do texto de 1929, consistindo em plano não totalmente contemplado pela edição de 1963 (BAKHTIN, 2010, p. 337-357).
4. e) *Problemas da poética de Dostoiévski* [1963]. Segunda edição, revista e reformulada, do livro de 1929: *Problemas da obra de Dostoiévski*. (BAKHTIN, 2002a).

4. f) “Apontamentos de 1970-1971” [1970-1971] (BAKHTIN, 2010, p. 367-392).

Excetuando-se “Metodologia das ciências humanas”, todos os escritos são posteriores à Segunda Guerra Mundial. Terminado o conflito, Bakhtin volta ao Instituto Pedagógico de Saransk, recém-elevado ao *status* de universidade, defende o trabalho sobre Rabelais perante o Instituto Górkí de Literatura Mundial no ano de 1946, mas apenas em 1952 receberá o título, não de doutor, mas de candidato a doutor. Para ilustrar o encolhimento das informações biográficas sobre ele, em paralelo à ampliação de sua obra, vejamos como Morson & Emerson (2008) sintetizam num só parágrafo, por nós ainda mais resumido, os últimos tempos vividos pelo ser histórico: consta que, na década de 1950, depois de haver lido *Problemas da obra de Dostoiévski*, um grupo de estudantes moscovitas “ficou sabendo, admirado, que o autor ainda vivia e lecionava [...]. As ‘peregrinações’ a Saransk, as visitas ao sobrevivente de um passado que se julgava perdido, assumiram o caráter de uma travessia secular” (p. 14).

Após reedição desse livro em 1963, o pensador se transforma em “guia para a reconsideração pós-stalinista dos estudos literários, e seu parecer era procurado tanto pelos semióticos estruturalistas da Escola de Tartu quanto pelos humanistas marxistas-leninistas mais conservadores do Estado soviético” (MORSON & EMERSON, 2008). A coletânea por ele organizada (BAKHTIN, 2002b), ao lado de manuscritos de sua autoria que começam a ser revelados no Ocidente, conduz a interpretações errôneas desse material. Entre as tais, destaca-se uma parte da leitura efetuada por Clark & Holquist (2008) que nele vislumbra a geração de “um projeto, uma busca”, caso preferirmos, de um sistema, identificável em “diferentes tentativas de escrever o mesmo livro, ao qual Bakhtin nunca atribuiu um título, mas que é aqui denominado *A arquitetônica da responsabilidade*” (p. 89).

Embora sejam visíveis, nos primeiros escritos bakhtinianos, indícios do plano que resultaria em “obra fundamentalmente filosófica, lançando as bases de uma *Prima Philosophia* e situando nela uma estética geral” (FARACO, 2009b, p. 96), a tese de Clark & Holquist perde validade frente ao ensaio “O autor e a personagem na atividade estética” (BAKHTIN, 2010, p. 3-192), sem tradução do russo para outras línguas

quando os biógrafos lançaram seu *Mikhail Bakhtin*, e do livro *Para uma filosofia do ato* (BAKHTIN, 1993), ainda não publicado à mesma época. Os textos então desconhecidos podem sugerir

não uma suave continuidade, mas algo que está mais próximo de uma ruptura decisiva – um divisor de águas – entre eles e as obras pelas quais Bakhtin costuma ser mais conhecido. Embora importantes para a compreensão do desenvolvimento de seu pensamento, os primeiros manuscritos em grande parte são o produto de influências que ele não tardou a superar (Bergson e o neokantismo) e constituem a expressão de formulações que ele abandonou [...] As obras tardias de Bakhtin podem ser lidas retrospectivamente nos primeiros manuscritos somente à custa do embotamento de seus pontos mais interessantes e radicais ou lendo-se anacronicamente, nos primeiros textos, ideias que Bakhtin ainda não havia desenvolvido. (MORSON & EMERSON, 2008, p. 25)

“Arte e responsabilidade” (BAKHTIN, 2010, p. XXXIII-XXXIV), “O autor e a personagem na atividade estética” (p. 3-192) e “O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária” (BAKHTIN, 2002b, p. 13-70) integram o primeiro ponto aqui destacado (“Dos Atos Epistemológicos, Éticos e Estéticos”). A fim de que a configuração do pensamento de Bakhtin seja realocada para atender ao segundo objetivo proposto neste artigo, o de identificar em suas formulações aquelas que contemplem a problemática do espaço biográfico e as relações desse campo discursivo com o gênero romanesco, os trabalhos anteriormente citados devem articular-se à noção de *ato* que, por ele utilizada largamente desde *Para uma filosofia do ato* (BAKHTIN, 1993) com finalidades as mais variadas, oferece base “a sua concepção dialógica da linguagem, de enunciado *concreto* e a vários outros elementos de sua arquitetura” (SOBRAL, 2008, p. 16).

Tal articulação exige a presença daqueles três conceitos globais: *diálogo*, *inconclusibilidade* e *prosaica*. Da mesma forma, precisa levar em conta, fundamentalmente quanto à estilização de formas e gêneros (auto)biográficos operada pelo gênero romanesco, textos que compõem o terceiro e o quarto pontos sublinhados na presente investigação (“Da história e teoria do romance”, “Das retomadas e rasuras”). Na empreitada, sobressaem os termos *autoria*, *dialogismo*, *exotopia* e *outredade*

assim como as discussões sobre o referente histórico, sobretudo, espaço-temporal.

Ocorre que, em um segundo momento da reflexão bakhtiniana, a tensão entre espaço e tempo, vista desde *Para uma filosofia do ato*, daria lugar à noção de *cronótopo* cuja ideia, remontando ao ano de 1924, maturava em paralelo aos estudos sobre Rabelais e a cultura do riso. O conceito veio aparecer no manuscrito “O romance de educação e sua importância na história do realismo” (BAKHTIN, 2010, p. 205-258) para ganhar expressão em: “Formas de tempo e de cronotopo no romance: ensaios de poética histórica” (BAKHTIN, 2002b, p. 211-362); “Da pré-história do discurso romanesco” (p. 363-396); “Epos e romance: sobre a metodologia do estudo do romance” (p. 397-428).

Esses últimos textos são portadores de contribuições mais efetivas à história do espaço biográfico no Ocidente, servindo também como manancial de fontes para investigações sobre o gênero romanesco, e com maior efetividade do que “O autor e a personagem na atividade estética” (BAKHTIN, 2010, p. 3-192), inúmeras vezes citado ou utilizado em análises sobre formas e gêneros (auto)biográficos, mas extirpado do conjunto da reflexão bakhtiniana, e sem qualquer referência a pressupostos que, como visto, são basilares a seu entendimento. Marcantes no percurso que nos leva desde *Para uma filosofia do ato* aos textos sobre o romance”, destacados no parágrafo anterior, os conceitos de *enunciação*, *evento*, *gêneros*, *sentido* e *verdade*, subsidiários à compreensão da esfera em que o pensador russo estudava o espaço biográfico, passam por reconsiderações em “Metodologia das ciências humanas”; “Os gêneros do discurso”; “O problema do texto na linguística, na filosofia e em outras ciências humanas: uma experiência de análise filosófica” (BAKHTIN, 2010, p. 393-410, p. 261-306, p. 307-335); *Problemas da poética de Dostoiévski* (2002a).

As categorias em grifo, junto a outras que recebem lugar central nesta pesquisa, se conjugam aos três problemas reiterados no pensamento bakhtiniano: natureza da ética, atrelada à epistemologia e estética (inseparabilidade entre os domínios da vida, teoria e arte, quer dizer, unicidade do ser e do evento); dinâmica do processo criativo, ou seja, relação autor e personagens, sempre transpassada pelo inter-relacionamento eu/outro. “Intimamente relacionado com ambos, havia um terceiro, o valor do trabalho, o esforço momento-por-momento que

constitui o projeto do viver” (MORSON & EMERSON, 2008, p. 28) e suas dimensões axiológicas.

Em tal quadro, as noções de *alteridade* e *dialogismo* eram trazidas à baila pelo conceito de *exotopia*, já desenvolvido em “O autor e a personagem na atividade estética” (BAKHTIN, 2010, p. 3-192). Esse “olhar extraposto” vincula-se à seguinte concepção:

Todo ato cultural vive, de maneira essencial, nas fronteiras: nisso reside sua seriedade e importância. Distante das fronteiras perde terreno, significação, torna-se arrogante, degenera e morre [...] fronteira significa muitas coisas: o que divide e limita. O problema está em quem limita e por que limita. Ou, como Bakhtin diria, a fronteira repele o centro, está nas margens, e das margens pode corroer o edifício da homogeneização criado pelo universalismo centralista, que, como força centrífuga, ou como o olho do furacão, tenta absorver tudo, engolir, para criar uma falsa ilusão de igualdade homogênea. (ZAVALA, 2009b, p. 154)

Ao mesmo tempo, “O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária” (BAKHTIN, 2002b, p. 13-70), escrito no ano de 1924, afirmava que todas as entidades culturais seriam, efetivamente, fronteiras:

Talvez sejamos propensos às metáforas de território e fronteira porque pensamos em eus individuais ocupando um lugar específico num tempo específico. Mas, embora isso seja verdadeiro e necessário para os corpos físicos, não o é para as psiques ou para qualquer outras entidades culturais. Melhor seria evitar totalmente essas metáforas. Bakhtin ou as evita ou nos lembra dos seus problemas ao definir paradoxalmente os seus heróis favoritos como sendo sempre liminares, numa fronteira. Bakhtin recorrerá a uma infinidade de outras metáforas para substituir as metáforas usuais de mônadas, territórios e corpos. Cada uma delas, segundo ele, é essencialmente “newtoniana” ou “ptolemaica”, todos imaginam as entidades físicas como corpos em colisão ou planetas percorrendo órbitas fixas ou ao redor de um dado centro. Mas, se observarmos as ciências, veremos que os trabalhos mais recentes oferecem uma base melhor. As entidades culturais assemelham-se mais intimamente a “campos”, mais a um jogo de linhas de força do que a um aglomerado de objetos. (MORSON & EMERSON, 2008, p. 69-70)

No estudo posterior àqueles da década de 1920, intitulado “O discurso no romance” (BAKHTIN, 2002b, p. 71-163), o estudioso russo passou a falar de “névoas obscurecedoras”, “ambientes elásticos” e “meios vivos”. Nesse momento, inclusive a própria prosa bakhtiniana “torna-se um ‘ambiente tenso’, uma ‘névoa obscurecedora’ de metáforas mescladas sobre metáforas mescladas, enquanto ele tenta escapar à fixidez que qualquer metáfora singular – por mais fluida, ativa incompleta e aberta à interpenetração que seja – poderia subentender” (MORSON & EMERSON, 2008, p. 70). A busca de metáforas adequadas prossegue no referido texto, visando compreender a palavra e “todas as coisas da cultura” como “raio que produz um jogo de luz e sombra”, “atmosfera espessa” e “dispersão espectral”.

Tais marcas indicam as maneiras pelas quais a reflexão bakhtiniana volta a seus princípios, reiterando-se num frequente movimento de ir e vir. Os regressos e novos avanços aí notados somam-se às linhas que deixam em aberto, constituindo relevante ponto de partida a “meios vivos” de maior envergadura na atualidade. Bakhtin, no entanto, é um sujeito moderno; boa fração de seu pensamento, também. As seduções exercidas pelo ser histórico talvez se reforcem por alguma que outra máscara, estruturalista, marxista, pós-estruturalista etc. a ele imposta e, em todo caso, “inseparável das condições de sua vida. Qualquer tentativa de dar unidade a Bakhtin terá de levar em consideração a sua biografia” (TEZZA, 2003, p. 48-49).

Claro está que a biobibliografia ora apresentada e, assim, nossos atuais estudos, poderão sofrer expurgos e revisões, pois a “criação estética ou de pesquisa implica sempre um movimento duplo: o de tentar enxergar com os olhos do outro e o de retornar à sua exterioridade para fazer intervir seu próprio olhar: sua posição singular e única num dado contexto e os valores que ali afirma (AMORIM, 2006b, p. 102). Da mesma forma que acontece com os planos de aula e os projetos de pesquisa, também as “memórias e biografias tendem obsessivamente a excluir acidentes e a insistir em padrões, mas as vidas e as carreiras intelectuais, segundo Bakhtin, não o fazem. Elas são pródigas, produzindo não apenas realizações diversas, mas também potenciais não realizados ou apenas parcialmente realizados” (MORSON & EMERSON, 2008, p. 21). Em meio a jogos de “luz e sombra” como esses, o espaço biográfico marca presença no quadro reflexivo de Bakhtin, permitindo afirmar, para

começo de outra conversa e apesar dos pesares, que o autor não esteve, nem está, no *aqui e agora*, completamente morto.

BIOGRAPHICAL SPACE IN BAKHTIN'S BIOBIBLIOGRAPHY: FOUR COILS OF A WINDING REFLECTION

ABSTRACT

In this paper, we present some sort of biobibliography by Mikhail Bakhtin, underlining fundamental points of his reflections pertaining to the place and possible articulations of his “(Auto)biographical territorialities”, showing that such concerns are present from his earlier thoughts. Thus, we allocate Bakhtin’s writings where his formulations on “Biographical space” are found, that is, on (auto)biographical forms and genres as well as the dialogues that these discursive modalities may establish with the novelistic genre. The proposal of this work is to be used as a reader’s guide for contemporary studies in literature and linguistics concerning the mentioned inter-relations.

KEY WORDS: biobibliography, biographical space, discourse and representation, Mikhail Bakhtin.

NOTAS

- 1 Utilizamos o termo “espaço biográfico” (cf. ARFUCH, 2010) para nomear a circunferência que abriga nem tão somente a autobiografia, a biografia e narrativas circunvizinhas, mas também as formas (auto)biográficas precedentes à instituição desses gêneros e outras notações culturais de ordem similar ou mesmo estilizadas hibridizadas, matizadas por traços (auto)biográficos.
- 2 Bakhtin figura como coautor, junto a 1) Voloshinov, em “Discourse in Life and Discourse in Art”, texto que compõe *Freudianism: a Marxist Critique*, sendo conhecido em língua portuguesa como “A palavra na vida e a palavra na poesia”. Essa tradução, realizada por Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, não está publicada, entretanto, “circula amplamente entre os leitores brasileiros” (BUBNOVA, 2009, p. 31). Sem trazer mencionado o capítulo, nem Voloshinov como autor em sua capa, o livro em destaque é traduzido no Brasil sob o título *O freudismo: um esboço crítico* (BAKHTIN, 2004). Os dois estudiosos russos aparecem em coautoria (mas com o nome de “Volchinov” entre parênteses) no volume *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (1992). 2)

Medvedev divide a autoria com Bakhtin em *El método formal en los estudios literarios: introducción crítica a una poética sociológica* (1994), editado originalmente em 1928 e sem versão em português. 3) Ivan Ivanovich Kanaev encontra-se associado a Bakhtin em “O vitalismo contemporâneo” (BAKHTIN; KANAEV, 2010, p. 139-163, p. 165-188), artigo que circulara “em duas partes na revista *Chelovek i Priroda* em 1926 (SOBRAL, 2009a, p. 189). Não reconhecemos a autoria de Bakhtin nos textos em questão, entre outros fatores, pela falta de sua assinatura e por jamais havê-los mencionado como de seu punho.

- 3 Não fazem parte de tal quadro cartas, prefácios, resenhas, textos analíticos específicos sobre a literatura russa e outros de vária ordem, como “Descobertas baseadas em um estudo das necessidades de membros de fazendas coletivas”, publicado na revista *Sovetskaja Torgovlja* [1934].
- 4 Nesse caso, tomamos por base os seguintes estudos: Barros; Fiorin (2003); Brait (2005; 2008; 2009a; 2009b); Clark; Holquist (2008); Faraco (2009); Faraco; Tezza; Castro (2006); Fiorin (2006); Morson; Emerson (2008); Tezza (2003); Todorov (1984).
- 5 No Brasil, o subtítulo *Creation of a Prosaics* (MORSON & EMERSON, 2008) é traduzido como “Criação de uma prosaística”. Uma vez que a palavra *Prosaics* se apresenta como alternativa a *Poetic*, e que o termo “prosaico”, no sentido de discurso cotidiano, não tem caráter pejorativo em Bakhtin, muito pelo contrário, julgamos mais correto traduzir aquele vocábulo por “Prosaica”.
- 6 De acordo com Paulo Bezerra, tradutor da segunda edição do livro em grifo, do russo ao português, o título mais indicado seria *Estética da criação literária*.
- 7 Assim como procedemos nessa referência, em todos os demais textos de Bakhtin, marcamos entre colchetes o ano provável da escrita dos textos; entre parênteses, o ano da edição aqui utilizada.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. *Cronotopo e exotopia*. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 95-114.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BAJTIN, Mijail; MEDVEDV, Pavel. *El método formal en los estudios literarios: introducción crítica a una poética sociológica*. Traduzido por Tatiana Bubnova. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

- BAKHTIN, Mikhail. *Esthétique de la creation verbale*. Paris: Gallimard, 1984.
- BAKHTIN, Mikhail. *Toward a Philosophy of the Act*. Translation and notes by Vadim Liapunov. Edited by Vadim Liapunov and Michael Holquist. Austin: University of Texas Press, 1993. First edition in 1986.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Traduzido por Yara Frateschi Vieira. São Paulo; Brasília: Hucitec; EdUNB, 1993. Primeira edição em 1987.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 5. ed. Tradução do russo por Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Anablume; Hucitec, 2002b. Primeira edição brasileira em 1988.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 3. ed. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002a. Primeira edição brasileira em 1981, segunda edição revista pelo tradutor em 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. *O freudismo: um esboço crítico*. Traduzido por Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 5. ed. Traduzido diretamente do russo por Paulo Bezerra desde a quarta edição, em 2003. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail; Kanaev, Ivan I. El vitalismo contemporâneo. Tradução do russo por Tatiana Bubnova. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin e o círculo*. São Paulo: Contexto, 2009a. p. 139-163.
- BAKHTIN, Mikhail; KANAEV, Ivan I. O vitalismo contemporâneo. Tradução do espanhol por Adail Sobral. In: _____. (Org.). *Bakhtin e o círculo*. São Paulo: Contexto, 2009a. p. 165-188.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: EdUSP, 2003.
- BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. rev. São Paulo: Ed. Unicamp, 2005.
- BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin e o círculo*. São Paulo: Contexto, 2009a.
- BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009b.
- BRAIT, Beth (Org.). Problemas da poética de Dostoiévski e estudos da linguagem. In: _____. *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009c. p. 45-72.

- BRAIT, Beth (Org.). As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: EdUSP, 2003. p. 11-27.
- BUBNOVA, Tatiana. Voloshinov: a palavra na vida e a palavra na poesia. Traduzido por Fernando Legón e Diana Araújo Pereira. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin e o círculo*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 31-48.
- CAMPOS, Maria Inês Batista. Questões de literatura e de estética: rotas bakhtinianas. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009b. p. 113-150.
- CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. Traduzido por Jaime Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- CORTÁZAR, Julio. *Historias de cronopios y de famas*. Buenos Aires: Sudamericana, 1994.
- FARACO, Carlos Alberto. “Autor e autoria”. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 37-60.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.
- FARACO, Carlos Alberto. O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009b. p. 95-112.
- FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de. *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.
- LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.
- LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique (bis)*. *Poétique*, n. 56, 1983. p. 417-433.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico (bis). In: LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. p. 48-69.
- MORSON, Gary Saul; EMERSON, Caryl. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. Traduzido por Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: EdUSP, 2008.

NORONHA, Jovita Maria Gerheim. Apresentação. In: LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. p. 7-10.

SCHNAIDERMAN, Boris. Bakhtin 40 graus (uma experiência brasileira). In: BRAIT, Beth (Org.). _____. (Org.). *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. rev. São Paulo: Ed. Unicamp, 2005. p. 13-21.

SOBRAL, Adail. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-35.

SOBRAL, Adail. O vitalismo contemporâneo: um momento interdisciplinar do Círculo de Bakhtin?. In: BRAIT, Beth (Org.). _____. (Org.). *Bakhtin e o círculo*. São Paulo: Contexto, 2009a. p. 189-197.

SOBRAL, Adail. Estética da criação verbal. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009b. p. 167-188.

TEZZA, Cristóvão. *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

TODOROV, Tzvetan. *Mikhail Bakhtin: the Dialogical Principle*. Translated by Wlad Godzich. Minneapolis; London: The University of Minnesota Press, 1984.

TODOROV, Tzvetan. Prefácio à edição francesa. In: BAKHTIN, Mikhail. _____. *Estética da criação verbal*. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. p. XIII-XXXII.

VALÉRY, Paul. Existência do simbolismo. *Variedades*. Traduzido por Maiza Martins de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 1991. p. 73-76.

VOLOCHINOV. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 6. ed. Traduzido por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992.

ZALAVA, Iris. O que estava presente desde a origem. Traduzido por Fernando Legón e Diana Araujo Pereira. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 167-188. p. 151-166.